

Biografia e História em Wilhelm Dilthey

Alexandre de Sá Avelar¹

A afirmação de que a biografia retomou seu lugar entre as preocupações de primeira hora dos historiadores se tornou quase uma referência obrigatória nos textos que tratam do gênero biográfico na atualidade. A biografia histórica renovada emergiu após longo período de ostracismo imposto pelas correntes explicativas que pensavam a história sob a perspectiva da longa duração, aquilo que Manoel Salgado percebeu como a “história das estruturas que passavam a explicar as ações humanas segundo determinações que escapavam a esses homens no mundo”

Pouca atenção tem sido dada, entretanto, ao estudo do gênero biográfico no período anterior ao de sua marginalização pelos Annales. Neste sentido, o importantíssimo livro de Sabina Loriga (*O pequeno x: da biografia à história*) veio a preencher uma sensível lacuna ao focalizar alguns pensadores que, no século XIX, segundo suas palavras, “se esforçaram por salvaguardar a dimensão individual da história”. Ao recuperar os sentidos que Droysen, Ranke, Carlyle, Humboldt, Tolstoi e Dilthey postulam para a biografia, Loriga demonstra que o papel dos indivíduos e de suas ações continuava a provocar inquietações, mesmo após a emergência de categorias que, tais como povo, classe ou nação, pretendiam transformar a história em um processo conduzido por entidades coletivas. Entre estes autores, Dilthey, a meu ver, foi quem levou mais longe a categoria de vida como alicerce fundamental para a delimitação epistemológica e conceitual das chamadas ciências do espírito em oposição às ciências da natureza. Neste ambicioso projeto, que consumiu toda sua vida, este filósofo alemão não poderia deixar de registrar considerações decisivas sobre o gênero biográfico. Ele próprio, deve-se lembrar, foi autor de biografias de Leibniz e Hegel.

O século XIX assistiu à edificação da história como campo científico. Reconhece-se, desde então, o pensamento historicista como aquele que toma o passado como uma individualidade distinta, percebido em um duplo aspecto: sua caracterização como um recorte temporal que só pode ser estudado dentro dos seus próprios valores e a consideração de que a história é forjada por indivíduos historicamente localizáveis. A

¹ Professor da Universidade Federal de Uberlândia (Brasil). Este trabalho contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

relatividade e a unicidade dos fenômenos históricos não escaparam à preocupada reflexão de Dilthey, que via no historicismo o sintoma de um tempo de grandes transformações, em que todas as coisas pareciam relativas e instáveis.

Uma contradição aparentemente insolúvel surge quando o sentimento da história é levado às suas últimas conseqüências. A finitude de todo fenômeno histórico, seja uma religião, um ideal ou um sistema filosófico, e, por conseguinte, a relatividade de toda interpretação humana da relação das coisas é a última palavra da concepção histórica deste mundo, onde tudo flui, onde nada é estável. Em face disso ergue-se a necessidade que o pensamento tem de um conhecimento universalmente válido e os esforços que a filosofia faz para chegar até ele. A concepção do mundo histórica (*Weltanschauung*) libera o espírito humano da última cadeia que as ciências da natureza e a filosofia não quebraram, mas onde encontrar os meios para superar a anarquia das convicções que ameaça se difundir? (Dilthey 1947a, p.15)

Ao longo de sua obra multifacetada e complexa (Imaz 1978, p.IX), a história surgiu como associada permanentemente à ideia de movimento, de mudança. Esse constante estado de transformação era obra de indivíduos compreensíveis apenas em relação com outros indivíduos. Se o mundo era histórico, se todas as formas eram historicamente constituídas, se não havia um princípio absoluto capaz de regular os acontecimentos, era nas ações e intenções do homem que o historiador deveria buscar o sentido do devir. Rejeitava-se, dessa forma, a possibilidade de a história possuir algum sentido oculto ou universal.

Para Dilthey, a vida individual não obedece a nenhum plano exterior, mas “revela o que há de mais conhecido e, ao mesmo tempo, o que há de mais obscuro e impenetrável” (Reis 2003, p.23). Ele entendia o sujeito, em oposição ao sujeito kantiano, como atravessado por pulsões, contradições, vivências e experiências distintas. Era na sua “filosofia da vida” que residia o fundamento central das ciências do espírito, cujos métodos e princípios deveriam ser distintos dos das ciências naturais. Como filosofia da experiência, a “filosofia da vida” diltheyana focaliza o sujeito que pensa, sente e deseja, o que nos impele a compreender a vida por ela mesma ou como ela se apresenta (Gonçalves 2011, p.158). Elevada à compreensão filosófica, a vida, segundo Dilthey,

constitui o único, obscuro e espantável objeto de toda filosofia. Não o enigma do mundo, que constitui mais que uma metade objetiva desse obscuro novelo de

problemas, mas o rosto da vida mesma, com seus olhos que miram o mundo ou o contemplam serena e imaginativamente, com sua boca sorridente ou que se contrai em um trejeito de dor. (Dilthey 1954, p.81)

Em franca crítica às posições de Kant, Hume e Locke, para os quais o sujeito cognoscente era meramente uma “seiva diluída de razão, concebida como única atividade do pensamento” (Dilthey 1992, p.149), Dilthey reivindica um sujeito composto por paixões, sentimentos e vontades.

Não há nada a fazer, não somos um aparelho que busca produzir prazer regularmente e impedir o desprazer, avaliando valores de prazeres uns em relação aos outros, e conduzindo assim as volições para a soma acessível do prazer. [...] A vida seria evidentemente racional, mesmo um exercício de cálculo. Mas não é assim [...] não buscamos evitar o desprazer, mas o exploramos até o fundo, meditamo-lo sombriamente, com misantropia; arrastados por obscuras pulsões, colocamos em jogo nossa felicidade, nossa saúde e nossa vida para satisfazer nossas antipatias, sem levar em conta o ganho de prazer. (Dilthey *apud* Loriga 2011, p.125)

É esse homem concreto que é tomado por Dilthey como fio condutor de toda sua explanação sobre as ciências humanas. O indivíduo é apreendido, em sua íntegra, como uma totalidade psicofísica, feita de representação, de desejo e de vontade. Há uma distinção entre o eu e o mundo. Segundo Dilthey:

A unidade de vida é uma conexão de efeitos privilegiada em relação ao nexo da natureza pelo fato de ser vivenciada. Suas partes atuantes, porém, não podem ser medidas segundo a sua intensidade, mas apenas avaliadas. Sua individualidade não é destacável do elemento humano-comunitário, de modo que a humanidade só se mostra como um tipo indeterminado. Por isso, todo estado particular na vida psíquica é uma nova posição da unidade de vida total, uma ligação de sua totalidade com as coisas e os homens. Nesse sentido, na medida em que toda manifestação da vida que parta de uma comunidade ou pertença a uma conexão de efeitos de um sistema cultural é produto de unidades vitais que atuam conjuntamente, os componentes desse construto composto possuem um caráter correspondente. Por mais intensamente que todo processo psíquico pertencente a essa totalidade possa ser determinado pela intenção da conexão de efeitos, esse processo nunca é determinado exclusivamente por essa intenção. O indivíduo, no qual ele se realiza, intervém como unidade de vida na conexão de efeitos; em sua manifestação, ele é atuante como totalidade. (Dilthey 2010, p.126)

Delimita-se, nesse sentido, um aspecto essencial no historicismo de Dilthey: o papel da compreensão empática. Demarcado por relações, o homem apenas conseguirá

compreender a história se estiver preparado para escapar da sua suposta autossuficiência. Os processos psíquicos se forjam no contato com o outro, no contato com a história. O movimento, o devir e a mudança não impõem, por outro lado, o não reconhecimento de permanências e continuidades. A interioridade se expande, alarga-se ao contato com o mundo histórico, mas se reconhece como ela mesma em seu passado.

Bem ao contrário, encontro uma continuidade em minha vida desperta. Os processos estão imbricados de tal forma que há sempre algo de presente à minha consciência. Assim, um viajante que avança a bom passo vê desaparecer atrás dele objetos que, pouco antes, estavam diante dele, ao lado dele; outros surgem a seus olhos, mas a continuidade da paisagem não subsiste mais. (Dilthey 1947a, p.206)

A historicidade do mundo e das criações humanas escapa ao simples ato consciente dos indivíduos e conforma um campo mais alargado do que o simples espaço biográfico. Abre-se, aqui, uma brecha para a reflexão sobre a temporalidade no pensamento de Dilthey. As múltiplas possibilidades de vida em relação à memória projetam a imaginação para além do que podemos viver no instante. “O presente não é jamais; o que vivemos no imediato como presente encerra sempre em si a lembrança do que era justamente presente”, escrevia Dilthey, o que pressupõe que o presente não pode ser visto como um corte temporal fechado, centrado em si mesmo e esgotado, mas como portador de uma flexibilidade que enuncia o vivido e o porvir. As ações dos homens são fundadas na duração e se nutrem de visões do passado e de antecipações do futuro.

A experiência do passado, plenamente assimilada, se incorpora e se fixa como um elemento plástico e influi sobre os atos do presente. Porém, além disso, ao homem se coloca viver em uma época determinada que é, em seu turno, sobras de outras épocas e que oferece uma paisagem cultural em mínima parte criado por ela e em máximo herdado de épocas pretéritas. A figura espiritual mutante de uma época imprime seu selo sobre o homem e lhe impõe todo um repertório de idéias, crenças, gestos, preferências, etc. Ao assimilar essa herança espiritual, não sem modificá-la, o homem conquista a altura cultural de seu tempo e desde ali se percebe a si mesmo como ser histórico. (Dilthey 1944, p.23)

Se a história é a realização cultural do mundo da criação humana, é compreensível a alta conta que Dilthey concedia ao gênero biográfico. Revestia o estudo de trajetórias individuais de traços filosóficos e compreendia que qualquer vida poderia ser contada desde que se considerasse o ser humano em uma perspectiva

totalizante, pois “toda vida tem seu sentido próprio: ele reside na conexão significativa no seio da qual cada momento evocado possui seu próprio valor e tem também [...] uma relação com o sentido da totalidade. (Dilthey *apud* Loriga 2011, p.141). Cada elemento particular da existência só se torna significativo em contato com a totalidade. Um amplo conjunto de fatos não é, por si, suficiente para revelar uma vida, pois, fora de relações mais gerais, não adquire qualquer sentido. É igualmente falacioso, por outro lado, submeter o indivíduo, de forma mecânica, aos agrupamentos nos quais se insere, “pois a vida de um homem está tão entrelaçada com os destinos de muitos outros que um dia ele os vê subitamente com uma força visionária em face dele para, em geral, voltar a perdê-los no tumulto do mundo” (Dilthey *apud* Loriga 2011, p.143). O homem não pode ser isolado do seu mundo histórico, mas sua psicologia faz com que reaja a ele, veja-o escapar, se perca os outros homens.

Dilthey dedicou grande parte dos seus textos à tentativa de sistematizar os princípios e preceitos de um campo de conhecimento que tratasse da unidade humana em sua experiência interna. Criou uma psicologia descritiva e analítica que analisava e descrevia a experiência ao invés de propor uma simples *mimesis* dos métodos das ciências naturais. Em seus últimos escritos, Dilthey passou a defender que era a partir da expressão vital que se poderia atingir o conhecimento de um estado psíquico em seus movimentos globais, revivendo-o. É na fundamentação hermenêutica que residia o projeto diltheyano de compreensão do outro, de percepção dos seus estados de alma. Mesmo que essa compreensão não fosse imediata, ela seria possível pela apreensão de algumas manifestações exteriores, como gestos, sons e ações. É através dessa exteriorização que a vida se abriria à compreensão. Dentre os produtos visíveis, Dilthey situava em um grau superior a literatura, pois “somente na língua a interioridade do homem chega a uma expressão completa, exaustiva e objetivamente compreensível. É por isso que a arte de compreender tem seu tempo na interpretação dos traços de existência humana contidos no escrito” (*Apud* Loriga 2011, p.150)

Não há como não se espantar com certas formulações de Dilthey sobre a biografia e tampouco deixar de questionar alguns de seus pressupostos. Para ele, o empreendimento biográfico situava-se, por princípio, dentro da atividade científica. São suas palavras:

É possível tomar a biografia como uma solução universalmente válida de uma tarefa científica? Suponho que sim: o objeto da história é dado na quintessência da objetivização da vida. Na conexão da natureza, as manifestações da vida do espírito que vão desde os gestos rapidamente desvanecidos e as palavras fugidias até as obras poéticas imperecíveis estão acomodadas sobre a ordem que entregamos à natureza e a nós mesmos, às ordens judiciais e às constituições sob as quais vivemos. Elas formam a realidade efetiva exterior do espírito. Os principais documentos, sobre os quais uma biografia repousa, consistem nos resíduos que sobraram como expressão e efeito de uma personalidade. Entre eles, assumem uma posição própria as cartas dessa pessoa e os relatos dela. (Dilthey 2010, p. 239-240)

A tarefa do historiador-biógrafo estava envolvida, portanto, pelos padrões de cientificidade oitocentista que postulavam, entre outros elementos, o primado da fundamentação metódico-documental, capaz de fornecer as conexões de efeitos nas quais “o indivíduo é determinado pelo seu meio e reage a ele” (Dilthey 2010, p.240). A biografia deveria proceder ao exame criterioso das influências dos elementos externos ao indivíduo e de como ele se situaria diante desses influxos. A análise, pois, “deve, se quer compreender o particular, se esforçar por apreender suas relações com o geral” (Dilthey 1947a, p.233). É nesse ponto que surge o que Sabina Loriga qualificou como “dúvidas irritantes sobre o valor científico da biografia” (Loriga 2011, p.151): se o indivíduo é foco de convergência entre diversos espaços de relações sociais, como apreender, através dele, a totalidade? Dilthey não incorreria, assim, em uma formatação do conhecimento biográfico em camadas circulares, nas quais o todo e as partes se misturam e configuram a vida em conjunto? Seria possível, diante dessa circularidade epistemológica, apreender uma vida?

Tais limites não fugiram das especulações de Dilthe, que não hesitou em ponderar diversas de suas limitações:

[...] movimentos genéricos atravessam o indivíduo como seu ponto de interseção; precisamos buscar novas bases para a compreensão desses movimentos, bases que não estão postas no indivíduo para tal compreensão. A biografia não contém por si a possibilidade de se configurar como obra de arte científica. *Trata-se de novas categorias, figuras e formas da vida, para as quais precisamos nos voltar e que não despontam na vida singular.* O indivíduo é apenas o ponto de entrecruzamento de sistemas culturais, organizações, nas quais a sua existência está entretecida: como é que elas poderiam ser compreendidas a partir dele? (Dilthey 2010, p.246)

O desejo de compreender o sentido dos acontecimentos históricos em sua plenitude parecia a Dilthey uma ilusão não menos potente que “o sonho do filósofo da natureza que pensava, graças à alquimia, arrancar à natureza sua última palavra” (Dilthey 1947a, p.428). O alcance do relato produzido pelo biógrafo se revelaria, em algum momento, perturbador e incompleto, pois “a possibilidade de dilatar o próprio eu, de acolher outras experiências de vida, não é infinita” (Loriga 2011, p.151). Mas a aposta de Dilthey não se rendia a esse dilema: a biografia era aproximada, inclusive, da obra de arte, pois o artista seria um ser impregnado pela vida. O trabalho do artista, contrariamente ao que postulava Proust, não seria a manifestação de um eu mais profundo, de uma substância individual mais reclusa. Para Dilthey, “é somente na medida em que um elemento psíquico, ou uma combinação de tais elementos, está em relação com um acontecimento vivido, e com a representação deste, que ele pode ser elemento constitutivo da poesia”. (Dilthey 1947a, p.278). O trabalho do artista, como o do biógrafo, repousaria na energia com que vive e experimenta o mundo.

Restituir a vida de um indivíduo é a chave de acesso à história, pois “é só no indivíduo que podemos conhecer a realidade em seu sentido pleno, pois só ele pode vê-la do interior e revivê-la. Só o indivíduo pode ‘expressar’ e ‘objetivar’, dar forma histórica, exterior e temporal, ao mundo do espírito, que é interno, invisível” (Reis 2003, p.137). No mundo histórico e criativo, o sujeito individual é, ao mesmo tempo, singularidade e entrecruzamento de ramificações que formam um conjunto necessário e significativo.

É na compreensão da realidade histórica em sua singularidade que reside o propósito fundamental das ciências humanas. O indivíduo é a porta de entrada para esse ato de compreender. Ele é, simultaneamente, um feixe de pulsões, paixões, sentimentos e tensões e parte de um mundo que lhe é natural e exterior. É nesse sentido que Dilthey fala em conhecimento objetivo das ciências humanas.

As ciências humanas têm a objetivação da vida como o seu dado abrangente. Todavia, na medida em que a objetivação da vida se torna para nós algo compreendido, ela contém, enquanto tal, a todo instante, a relação do exterior com o interior. Assim, essa objetivação sempre relacionada na compreensão com o vivenciar, no qual a unidade da vida revela para si o seu conteúdo próprio, permite a todos os outros interpretá-lo. Se os dados das ciências humanas estão contidos aí, então se

mostra ao mesmo tempo para nós que é necessário abstrair tudo aquilo que é fixo, tudo aquilo que é estranho, tal como é próprio às imagens do mundo físico, do conceito daquilo que é dado nesse âmbito. Todo dado aqui é produzido, ou seja, histórico; ele é conhecido porque é compreendido, isto é, ele contém algo comum em si; ele é conhecido porque é compreendido, e ele contém um agrupamento do múltiplo em si, uma vez que a interpretação da manifestação da vida na compreensão mais elevada já se baseia em um agrupamento. Com isso, o procedimento de classificação da vida também está estabelecido nos dados das ciências humanas. (Dilthey 2010, p.111)

A individuação forma o espaço de articulação entre o singular e o geral. A biografia, além de promover esse entrelaçamento, é também “a unidade natural que nos é dada para avaliarmos de maneira concreta a história dos movimentos espirituais” (Dilthey 1947a, p.42). É no gênero biográfico que se efetiva a aposta diltheyana de conhecimento do mundo histórico, pois “a relação com o mundo vital se efetua graças à mediação de personagens e à evocação de sua existência individual” (Dosse 2009, p.341). Cristaliza-se, nesse aspecto, a pertinência da biografia, segundo o próprio Dilthey:

Como poderíamos negar, então, que a biografia possui um significado eminente para a compreensão da grande conexão do mundo histórico! Afinal, é justamente a relação entre as profundezas da natureza humana e a conexão universal da vida histórica difundida que é efetiva em cada ponto da história. Aqui se encontram a conexão original entre a própria vida e a história. (Dilthey 2010, p.241)

A compreensão empática é, portanto, o horizonte de toda pesquisa biográfica. O estudioso não pode renunciar à tarefa de buscar apreender a vida psíquica em sua totalidade, em seus nexos internos e em suas aberturas ao mundo exterior. A escrita biográfica constitui-se no domínio pelo qual os atos do passado podem ser revividos no presente. Esta noção de “revivência” é central na hermenêutica diltheyana, pois tornar os homens “vivos” na trama histórica é o elemento que funda a possibilidade mesma de compreensão e da interpretação dos vestígios humanos no tempo. Seguir uma outra vida é admitir sua alteridade, registrar um espaço que é, simultaneamente, próximo e estranho ao biógrafo. O outro como objeto de conhecimento não ignora o outro como objeto de desejo. A representação do biógrafo não é uma reconstrução total, “mas uma acentuação dos traços dominantes” (Reis 2003, p.211). Em Dilthey, ao contrário de um positivismo mais estreito, é na imbricação subjetiva entre biógrafo e biografado que o

conhecimento se torna possível. Se a história não se distancia da vida e a vida só se torna apreensível pela ação dos indivíduos que concentram em si as interações entre o mundo natural e o mundo do espírito, no tocante à relação entre o biógrafo e o seu personagem, segundo Dilthey, “a via de acesso que melhor lhe convém é a mais subjetiva, pois a possibilidade maior de captar o que ele tem de vigoroso reside na experiência de sua influência sobre nós mesmos, na dependência contínua da nossa realidade viva para com ele” (Dilthey 1947a, p.282).

Breves considerações finais

As experiências biográficas da segunda metade do século XX recolocaram o indivíduo no palco central das reflexões historiadoras, após um longo período de submissão às categorias abrangentes de classe social, mentalidade, ou estrutura. Muitas são as questões e problemáticas concernentes a essa retomada. O que significa, nessa nova configuração intelectual que problematiza os grandes modelos globais que dominavam as ciências humanas, escrever uma biografia? Modelização da experiência para alcançar lições gerais, segundo a fórmula da história *magistra vitae*? Via de acesso para o entendimento das estruturas de uma determinada formação social? A possibilidade de análise de uma trajetória singular, não redutível, mecanicamente, a um quadro geral? Ou uma ilusão, que assegura uma falsa coerência da experiência individual? Num plano epistemológico mais geral, podemos considerar a biografia como uma modalidade de escrita da história? Ao situar a biografia no centro de sua epistemologia das ciências humanas, Dilthey trouxe para o primeiro plano um gênero que, ao longo do século XIX, dividiu opiniões entre literatos, intelectuais e historiadores. Entre as acusações mais duras dirigidas ao texto biográfico, poderíamos assinalar: narrativa menor; repositório de recomendações morais; palco de devaneios subjetivos dos biógrafos. A aposta diltheyana na escrita biográfica era, certamente, arriscada. Ela nos ajuda a perceber a tensão entre o indivíduo e os sistemas normativos, a ambiguidade entre particularidade e totalidade. Essa vertigem, postulava Dilthey, era o estímulo para a elaboração de uma filosofia da vida, cuja compreensão hermenêutica materializaria uma forma particular de acesso ao mundo histórico através da revivência dos homens do passado na narrativa biográfica.

O pensamento de Dilthey não se isolou de dúvidas e incertezas. Ao mesmo tempo em que defendia que o indivíduo era o caminho para a compreensão histórica, rebatia qualquer relação fatalista ou mecanicista entre estes polos. A hermenêutica da vida se funda na circulação entre as partes e o todo, na interação entre individualidade e impactos externos e nas diferentes presenças humanas. A história passou a ser compreendida como elemento de formação (no sentido alemão de *Bildung*) de cada indivíduo. Seu projeto de construção das ciências do espírito nos convida a considerar a escrita biográfica como escrita da diferença, sem abdicar do seu caráter relacional. Segundo Maria Nazaré de Camargo Pacheco Amaral, para Dilthey

é na vida da história que se torna possível apreender o relativo a partir do universal e este a partir dos casos particulares e concretos, tentando assim elevar essas relações assim nascidas a um nível de consciência cada vez mais trabalhado e aprofundado. Esse parece ser o objetivo das ciências do espírito, isto é, elevar a um nível de consciência historiográfica o que o homem vivenciou, singular e concretamente. (Amaral 1987, p.18-19)

Os indivíduos vivem a história de formas distintas, apontava Dilthey. O risco inerente da lógica do pertencimento (que encerra o indivíduo em categorias sociais rígidas, ignorando sua experiência) foi um perigo para o qual sempre esteve alerta, antecipando, dessa forma, o tema da “ilusão biográfica”, tão em voga nos debates da segunda metade do século XX. Sua distinção entre identidade (que nos força ao pertencimento) e mesmidade (a experiência mais profunda que o homem produz de si mesmo) permanece ainda como uma questão pouco investigada. Suas sugestivas e impactantes alusões sobre a relação entre individualidade e conhecimento do passado ainda repercutem, ainda que pouco referenciadas entre todos aqueles que, nos dias de hoje, continuam realizando a aposta biográfica.

Bibliografia:

- AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco. *Dilthey: um conceito de vida e uma pedagogia*. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1987.
- ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

- AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. *Dimensões*, v.24, 2010, p. 157-172.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.183-191.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. Tradução de Marcos Casanova. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.
- DILTHEY, Wilhelm. *Introduction aux sciences d l'esprit et autres textes*. Paris: Editions du Cerf, 1992.
- DILTHEY, Wilhem. *La esencia de la filosofía*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1944.
- DILTHEY, Wilhelm. *Le monde de l'esprit*. Paris: Aubier, 1947a.
- DILTHEY, Wilhelm. *Leibniz e sua época*. São Paulo: Saraiva Editores, 1947b.
- DILTHEY, Wilhelm. *Literatura y fantasia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1963.
- DILTHEY, Wilhelm. *Teoria de la concepcion del mundo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1954.
- DILTHEY, Wilhelm. *Vida y poesia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1945.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.
- FALCON, Francisco José Calazans. Historicismo: antigas e novas questões. *Revista de História da UFG*, n.7, v.1, jan/dez.2002, p.23-54.
- FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GADAMER, Hans George. Extensão e limites da obra de Wilhelm Dilthey. In: FRUNCHON, Pierre (org.). *O problema da consciência histórica*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003, p.27-38.

- GONÇALVES, Márcia de Almeida. Aprender com o outro? Lições do mundo histórico nas biografias de Octávio Tarquínio de Sousa. In: NICOLAZZI, Fernando, MOLLO, Helena Miranda e ARAÚJO, Valdeci Lopes de. *Aprender com a história: o passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p.149-170
- GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- IMAZ, Eugenio. *El pensamiento de Dilthey: evolución y sistema*. México: Fondo de Cultura Económica, 1946.
- IMAZ, Eugenio. Prologo del traductor. In: DILTHEY, Wilhelm. *El mundo historic*. México: Fondo de Cultura Económica, 1978, p.IX-XXVIII.
- LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. São Paulo: Record, 1999.
- MARTINS, Estevão C. de Rezende. Historicismo: o útil e o desagradável. In: ARAÚJO, Valdeci Lopes de et al. *A dinâmica do historicismo: revisitando a historiografia moderna*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2008, p.15-48
- MATA, Sérgio da. Elogio ao historicismo. In: ARAÚJO, Valdeci Lopes de et al. *A dinâmica do historicismo: revisitando a historiografia moderna*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2008, p.49-62.
- MEINECKE, Friedrich. *El historicismo y su genesis*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a História. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2011.
- REIS, José Carlos. *Wilhelm Dilthey e a autonomia das ciências histórico-sociais*. Londrina: Eduel, 2003.
- REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In: *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Editora da UFPR, 2010 p.235-248.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

SCHWOB, Marcel. *Vidas imaginárias*. São Paulo: Editora 34, 1997.

SCHOLTZ, Gunter. O problema do historicismo e as ciências do espírito no século XX. *História da Historiografia*. Ouro Preto, n.6, março/2011, p.42-63.